

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Manoel, Bernardo de Orey, 1969-

Alcino Ferreira : uma vida original : in memoriam

<http://hdl.handle.net/11067/6899>

<https://doi.org/10.34628/fp55-6d92>

Metadados

Data de Publicação	2023
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-29T09:02:11Z com
informação proveniente do Repositório

ALCINO FERREIRA – UMA VIDA ORIGINAL

IN MEMORIAM

Bernardo Manoel

CITAD – FAA-UL

DOI: <https://doi.org/10.34628/fp55-6d92>



Foi original porque “é assim o mais belo sinal de originalidade consiste em saber desenvolver fecundamente um pensamento recebido. Com a aplicação necessária para descobrir o muito que estava escondido nesse pensamento.”¹

He was original because “this is how the most beautiful sign of originality consists in knowing how fruitfully develop a received thought can be. With the necessary work to discover how much was hidden in that thought.”

Sabendo que “há coisas que são demasiado delicadas para se pen-

sar nelas, muito menos ainda se falar”² arrisquei escrever este texto de homenagem ao agora falecido Prof. Alcino Ferreira.

A vida existe por causa da morte – morte fim e principio, separação e ligação infinita. O Alcino vive agora em nós, no seu legado, porque partiu e pousou nas ilhas onde as nuvens vão dormir. Viveu inquieto, permanentemente no caminho que é a procura da verdade que sabia não poder ter; encantou-se com as suas diferentes expressões sabendo que em cada trilho há mais do que um sentido.

Acreditava em Deus, viveu na Fé os aspetos transcendentais da vida, enquanto fontes do aparecer, cultivando o carácter, e por isso a sua vida encontrou sentido. Partiu e deixou-nos um antes e um depois.

Sentia apuradamente, silenciosamente enquanto estrutura, corporalmente porque o conhecimento começa na experiência que está inscrita em nós na intencionalidade – dá-se o milagre da percepção. Vivia cada momento como possibilidade, esse foi o génio que soube transmitir a quem o quis ouvir. Tudo podia, e pode ser semente.

Didaticamente ensinou e transmitiu a cultura do sentir, no corpo, pela experiência, na vivência, nas infinitas possibilidades do acaso enquanto possibilidade – haja disponibilidade para a espera e coragem para sentir escutando e estudando, para agir em relação na incerteza e na dúvida.

Apresentava a Arte, e bem assim a arquitetura, como enigma que estamos longe de resolver dado que “o Mundo é sobreposto e amplo”³ Para além do que vemos há algo invisível e imprevisível lá onde se poderá dar o desvelamento, esse momento mágico do aparecer, o guardado que nos aguarda. É assim um processo, na história; perguntamos pelas condições que possibilitaram antes e justificaram depois. Comparamos e conseqüentemente somos surpreendidos

2 Fragmentos de Novalis, Selecção de textos de Rui Chafes, Assírio e Alvim, Lisboa, 1ª edição, 1992, p.29;

3 O Estado do Bosque, José Tolentino de Mendonça, Assírio e Alvim, 1ª edição, Coimbra 2003, p.43.

“Cabe-nos a tarefa irrecusável, seriíssima, dia a dia renovada, de – com a máxima adequação possível – fazer coincidir a palavra com a coisa sentida, contemplada ...”⁴ e por isso deixo, para experiência futura e porque o sei não amplamente publicado, um texto que o Alcino me passou em tempos, nos tempos do corpo a corpo de que tantas saudades tenho, e que julgo fundador do seu Eu.

“Deus como luz e como abismo”

Alcino Ferreira

Toda a expressão é visibilidade da vivência. É aqui, na vivência, que tudo acontece com naturalidade, tal como a erva cresce sem se ver, mesmo que seja contra minha vontade. No entanto, todas as vezes que me envolvo na expressão, que ainda é vivência minha, ao mesmo tempo que descobro quem eu sou, sinto também saudades do abrigo do silêncio onde melhor me encontro comigo mesmo. Só que este silêncio pressupõe ainda o desconforto da expressão, porque é na expressão que eu me reencontro no mundo humano, fazendo de mim quem sou. Desconforto este que aparece, por um lado, porque na expressão se dá a experiência radical da finitude, por outro lado, todo o acto de expressão é um rasgar da intimidade, abertura a um outro eu que em mim se instala.

Sei que sou finito, não por saber que há um nascimento e uma morte na estrutura da vida que eu sou, mas sim porque na vivência da minha expressão descobro quão limitado sou a este nível. Nunca tenho pensamentos claros para mim. As palavras nunca são coincidentes com as minhas ideias, nem as minhas ideias coincidentes com a minha vivência. As palavras, ao mesmo tempo que manifestam o sentido, escondem sempre um outro sentido. Rigorosamente, “nós não sabemos o que pensamos.”⁵ Por isso é mais fácil falar dos outros, e só à sua sombra, ao tentarmos verbalizar a nossa diferença, temos esperança de que as nossas dúvidas se dissipem e a nossa expressão se torne um pouco mais clara. Em todas as circunstâncias a expressão é uma tentativa sempre renovada, é o modo pelo qual a vida institui novas dimensões no mun-

4 Obras escolhidas de Goethe, volume 5, Relógio de Água, Abril 2000, 1ª edição, & 388.

5 MERLEAU-PONTY, Maurice; o. c., p. 163.

do humano, em que, desde sempre, as suas raízes se alimentaram. Esta fonte da expressão não é um conjunto de dimensões. Pelo contrário, as dimensões nascem aí. A fonte da expressão é uma unidade viva, um vazio activo que paradoxalmente é história e fonte da história. E é esta história, conjunto de inscrições que eu próprio sou, que, olhando o seu percurso, hoje se propõe pensar de novo a sua fé em Deus. Trata-se de trazer à visibilidade uns tantos pensamentos soltos. Mas como o pensamento é uma dimensão segunda que sobrevoa a vivência, pensar Deus significa aqui procurar Deus no interior da vivência, o que implica o privilégio da metáfora em detrimento do conceito. A verdade é mais coincidente com a realidade na vivência da metáfora do que na aridez do conceito. Acontece ainda que todos os problemas são concêntricos. Deus não pode ser pensado independente da história. E a história é vida amadurecida, intimidade partilhada, pelo que é a partir da vivência que podemos ter a esperança de nos aproximarmos das cercanias de Deus. Deus, mais do que arquitecto do mundo segundo a metafísica tradicional, deve ser o segredo que se esconde na vida que permite que a arquitectura dos homens se realize.

1º- Vida e Universo

Um dia, seguramente vinte anos passados, espremi um limão que por mero acaso veio ter comigo. Por mero acaso, porque esse limão era para mim um limão anónimo. Um limão atraente: casca lisa, bonita coloração, sem toques do vento, tamanho médio... coisas em que só hoje volto a pensar para tentar compreender a possibilidade de estar acolá aquele limoeiro. Quando comprei esse limão escolhi-o entre outros quase iguais, e comprei-o porque precisava de um limão para temperar salada. A vida é feita de gestos pequeninos. Acontece que, nessa ocasião e naquelas circunstâncias, por razões de ordem afectiva e pedagógica, resolvi mostrar como nasce uma árvore. Peguei numa semente desse limão, cobri de terra num vaso, regámos, e passados dias tinha acontecido um milagre: folhas pequeninas a princípio, maiores depois, tinham saído da terra. Havia mais um limoeiro na história. Como ele não parava de crescer, com essa sua teimosia adquiriu direito a instalações próprias no quintal. Ambientou-se conquistando o seu próprio espaço, num tempo que ansiosamente eu próprio vivia. E ali por Junho, o meu vizinho, homem competente nessas artes, enxertou-o de borbulha. Eu

sei como se enxerta, mas as poucas vezes que tentei os meus enxertos não pegaram. Este pegou; definitivamente, enquanto houver limoeiro. Hoje, com limões ou sem eles, gosto de o regar se eu estou feliz; e, alegre ou triste, gosto sempre de me sentar debaixo dos seus ramos. Sinto-me protegido pelo passado que me mantém. Quando estou uns tempos sem cuidar dele, isto é, sem dele usufruir, ele espera por mim à distância e em silêncio. Depois, tudo recomeça na cumplicidade em que vivemos, e eu tenho a esperança de que assim vai continuar a acontecer enquanto houver tempo para mim. Quando o meu tempo se acabar, ele seguirá o seu caminho com a autonomia que um limoeiro pode ter. É assim. Eu sei o que é a história: uma estrutura de presença em que passado e futuro se entrelaçam na autonomia do presente, que não é senão a consciência impregnada nas coisas.

O que me aconteceu com o limão, malhas que o destino tece, aconteceu-me com tudo e com todos aqueles que permitiram que eu fizesse de mim quem sou. Não escolhi nascer, como não escolhi os pais, nem o tempo, os irmãos, os vizinhos, a terra, o mar ou o sol. Nem os amigos escolhi nem aqueles por quem me apaixonei. Quando me apaixono não sou eu que escolho, é um milagre que acontece em que o outro me envolve no interior do meu desejo. As folhas nascem do interior da terra, os diferentes níveis de amor nascem do pulsar do coração do homem. Tudo é necessidade que nasce no mais íntimo de mim mesmo. Só que, se eu recalcar a minha paixão, pela sublimação desse desejo, não haverá limoeiros a nascer nem flores de laranjeira. Felizmente, não sei distinguir entre um desejo sublimado e um sentir apaixonado. Daí a beleza de um cardo bravo florido que, além de poder servir para coalhar o leite, rivaliza com a beleza de qualquer obra de arte, ou a fecundidade das silvas do caminho carregadas de amoras, que não precisam dos cuidados do homem para produzir os seus frutos. É a minha decisão, e não adianta chorar sobre o leite derramado, que decide, numa constelação de acasos, aquele em que me tornei. Se..., teria sido diferente. Assim..., sou diferente de outra maneira. "Tal é o círculo existencial: um acaso transformado em destino através de uma escolha contínua."⁶ O paradoxo é que ainda sou igual a mim mesmo, diferente em cada dia,

⁶ RICOEUR Paul, «Expérience et langage dans le discours religieux», in *VV., Phénoménologie et théologie*, Criterion, Paris, 1992, p. 25.

a caminhar sem destino conhecido, porque o caminho só é caminho na exacta medida em que os meus passos deixam sulcos. Como saber onde este caminho que eu sou me conduz, se ele é abertura na floresta? E além disso, as encruzilhadas, o encontro com os outros, são mais velhas que os caminhos. É no acaso, no encontro fortuito, que renasce a liberdade, que o contingente se torna história por inscrição definitiva. Então não há acasos. Há vida que floresce, um impregnar da consciência no mundo, frutos maduros nos ramos das árvores, sorrisos transparentes em rosto de criança. Por outras palavras, há obras de arte que são visibilidade de uma existência, e há beleza natural onde a estrutura do mundo aparece. Há uma unidade profunda que a tudo e todos nos tem.

Era um limão anónimo. Hoje não o é. A vida se encarregou de criar laços, partir amarras, soltar o vento que fez aparecer outras paisagens. Tudo começou com a naturalidade habitual, meu apanágio de ser corpo que se passeia pelo mundo. Hoje, sentado no alto de uma duna perdido algures na solidão do Guincho, ao mesmo tempo que supero o tempo pela presença de factos passados, vejo que o mundo é um conjunto colorido. O sol está prestes a mergulhar de novo no mar. Faz isso todos os dias. E acontece que sendo o sol e o mar sempre os mesmos o espectáculo é sempre diferente. Para lá da minha vontade, anterior a ela, há um acordo assinado, imemorial mas em plena actualidade, entre o meu corpo e as coisas: as coisas vêm inscrever-se no meu corpo, e através delas eu adquiero um mundo para mim, povoado de estrelas que circundam a terra e o mar. Tudo se organiza a partir de horizontes concêntricos à volta de mim. Só que, o que há instantes via, o Castelo dos Mouros no alto das escarpas da Serra de Sintra, agora não o vejo, e não obstante continua a fazer parte deste mundo que só é mundo porque é meu. Quer dizer que o mundo não é só o que eu vejo. É o que eu vejo, o que eu já vi e o que ainda hei-de ver ou poderia ter visto. É o conjunto dos caminhos percorridos pelo meu corpo, e as paisagens latentes que me aguardam numa multiplicidade de horizontes. O mundo é o resultado da relação entre o meu corpo e algo misterioso que no meu corpo se inscreve, onde se vê que eu e o mundo somos o mesmo universo. O que é então o mundo? Isto é, o que é a realidade? Passados cerca de dois mil e seiscentos anos, descubro de novo a novidade de Parménides para quem todas as coisas têm uma unidade mais profunda no ser, visto que

todas elas são. Já não posso é concordar com a afirmação de que o não ser “não é nada”⁷, se aqui se lê oposição entre o ser e o nada. O não ser é impensável, o nada ainda é alguma coisa. É como a profundidade, sem a qual não haveria mundo para mim porque as coisas não poderiam mostrar-se, não haveria horizonte. Não posso perguntar porque é que existe o ser e não o nada, pergunta sem sentido e por isso sem resposta. O ser não se opõe ao nada, como o visível se não opõe ao invisível, como a palavra se não opõe ao silêncio. Pelo contrário, o visível transporta uma infinidade de dimensões invisíveis que o sustentam, tal como toda a palavra é envolvida em silêncio, porque é no silêncio que o sentido germina. Há uma união indestrutível entre o ser e o nada. O nada é a possibilidade de eu e as coisas podermos ser diferentes. É a não absoluta positividade do ser, o que permite que a história seja vida coincidente com o surgir do tempo. É o abismo do próprio tempo, que só o é porque os seus limites são inscrição que a vida tece. Que é feito daqueles que me amam? Não estão aí na visibilidade neste momento, tal como não estão a semente do limão nem o Castelo dos Mouros. A este nível limito-me a ser um corpo vivo que reage ao prazer circunscrito no presente. Mas a intensidade do meu olhar descobre, de imediato, que o presente que agora é visível para mim mas já vai deixar de sê-lo, é, por esse facto, garantia de outras praias, outros ventos, outras marés, outros limoeiros a nascer. Outras palavras se hão-de ouvir, porque o silêncio se mantém. O sol é que parece ser o mesmo, o mistério da luz é constante...

Quando escolhi esse limão anónimo, nada aconteceu na ordem do pensamento. Escolhi-o. Aconteceu, tal como agora o meu corpo reage à brisa que o atinge. E passem os anos que passarem, tenho sempre a possibilidade de visitar as paisagens que me mantêm, voltar atrás para cuidar da saudade, processo engenhoso que alimenta a vida porque o passado não é simples recordação. A história é viva. O passado é da mesma natureza do futuro, vida da consciência que aí se alimenta no seu regresso ao tempo que continua a nascer. Ser consciência é sentir. E porque o meu corpo sente, é consciência, é que a consciência tem o poder de se sobrevoar a si mesma, ser pensamento, tentativa de entender. Pode fazê-lo uma e outra vez, porque tal como o mundo, a

7 Frag. 6.

vivência, o real, é de uma riqueza inultrapassável: labirinto iluminado que até parece transparente, em que o pensamento se reencontra, uma e outra vez, a perguntar pelo sentido. O pensamento é em si mesmo afastamento da vivência. Vem muito depois.

As coisas inscrevem-se em mim, e assim se tornam coisas, princípios de identidade. O limoeiro nasceu entre as coisas no aconchego da terra. Mas eu próprio nasci também, entre o carinho de pais e irmãos, no alto de uma serra numa noite fria de inverno. Um é o nascimento do limoeiro, outro o meu nascimento. Mas o mesmo espanto envolve todo o aparecer. E há outras maneiras de nascer, em que se vê que na intimidade da vida o infinito é o horizonte. E tudo acontece com a naturalidade de todos os dias. Era inverno. Podei o marmeleiro. Espetei uns tantos ramos na terra e a primavera se encarregou de fazer florir outros tantos marmeleiros, pétalas de brancura imaculada que não exigem enxertos para o seu aparecer. É por estaca que muitas vezes a autonomia da vida aparece. Tal qual o que acontece comigo todas as vezes que descubro, entre as inscrições do meu corpo, outros corpos iguais ao meu. Um outro eu. Um mundo humano sem o qual eu não me teria tornado quem sou. Eu sou a vivência do meu corpo e aquilo que os outros corpos, com a mesma dignidade do meu, vêem em mim. Este corpo em que os outros me reconhecem viajando comigo, este pensamento em que eu me identifico e é tão só um gesto do meu corpo, palavra nascida em mim, esta via láctea que me transporta sem horizonte definido por mim, são uma única realidade. Eu apareço a mim mesmo como o gonzo da porta em que muitos mundos se articulam. Para já, um dentro e um fora, e uma infinitude de horizontes que se recortam em profundidade em ambos os sentidos. Por isso por vezes me sinto perdido.

O dentro e o fora são a mesma realidade. É sempre possível a imensidão do deserto e o calor de um beijo. E tudo acontece porque as sementes do limoeiro germinam com um poder que é seu, porque os ramos do marmeleiro mantêm a vida com uma autonomia que renasce das cinzas, porque o Castelo dos Mouros é abrigo de fantasmas na medida em que o passado existe como uma quase presença, porque a areia da praia é rocha onde a imensidão do mar brincou fecundada pela força irascível do vento. As ondas que me tocam são uma dádiva do vento, da lua, da vida que no mar respira. Os fantasmas nascem nos gestos dos

homens, inscrições vivas que impregnam o espaço e superam o tempo. A história é um paradoxo, vida universal que se realiza na autonomia da existência, no mundo dos vivos, mas na quase presença dos nossos mortos. O que não se vê é como é que a matéria adquiriu a estrutura de semente. E a luz, que me permite ver sem ser vista?

Cada folha do limoeiro que nasce quebra em estilhaços o silêncio do universo. Se não houvesse vida não haveria silêncio, muito menos universo. Mas porque há vida, eu sei que este silêncio primordial é uma espera, um aguardar do aparecer. A vida, essa folha do limoeiro, aparece sem barulho, vinda das profundidades do universo. Neste aparecer se funda a história porque nasce o sentir. É o milagre da vida. É sempre o mesmo e sempre novo, como o aparecer e o esconder do sol. A árvore é um todo. Não se pode pedir limões a um limoeiro acabado de nascer. Ainda não viu as noites de luar nem as chuvas da primavera, o calor do verão nem o frio do inverno. Tem ainda um grande percurso a fazer até o primeiro limão aparecer. O limoeiro não aguenta o gelo e não gosta do vento. Isso é com o carvalho, o castanheiro... já se habituaram ao rigor da neve e descobriram como conservar a humidade nos tempos de estio. Mas é a mesma vida que perpassa em cada uma das árvores. E nos animais, e nos homens. Em todos o mesmo tempo assinala as suas marcas. Só que, só o homem consegue ler esses registos, porque só o homem é a fonte do tempo na medida em que o pensamento é tão natural ao homem como o aparecer do limão ao limoeiro, ou, o cantar de um rouxinol a uma noite tépida de luar. Por isso Cézanne procurava surpreender os açucareiros a conversar entre si, distinguia quando eles estavam de bom ou mau humor, e Renoir pintava o riacho, povoado de mulheres nuas, olhando em silêncio por baixo das gaviotas o azul do mar de Cassis. Unidade profunda e paradoxal que a todos e tudo envolve, onde a multiplicidade⁸ surge porque visibilidade do uno, que se mostra na autonomia definitiva do possível realizado, isto é, no múltiplo. Se há um tempo para o limoeiro dar limões, é porque há um

8 Cf. LEVINAS Emmanuel, *Totalité et infini*, Kluwer Academic, Paris, 1992, p. 307: "A quantidade inspira a toda a metafísica ocidental o desprezo de uma categoria superficial. [...] Interpenetração dos instantes na duração, abertura sobre o futuro, «ser para a morte» - são meios de exprimir um existir que não se conforma com a lógica da unidade. Esta separação do Ser e do Uno obtém-se pela reabilitação do possível."

tempo para amar, e um tempo para sofrer. Pela mesma razão, os frutos do homem são diferentes em cada idade. A filosofia não é seguramente uma actividade da juventude porque nesse tempo a intensidade da vivência se sobrepõe à aridez do pensamento. É necessário tempo, vivência, para conseguir transformar a areia do deserto no jardim dos nossos sonhos. Por mais registos que encontre, para lá do genoma humano ou das ervilhas de Mendel, há um milagre que é o aparecimento da vida em determinada organização da matéria. Os elementos físicos, a própria organização desses elementos, não justificam o aparecimento da vida. Para lá de todo o código genético, de toda a estrutura, a vida exige um fundamento. É como o pensamento, como a linguagem, que vivem ambos envolvidos na matéria, mas não são isso.

A vida é um milagre em que a matéria se põe a si mesma a sentir. Tal como o filho se não confunde com a mãe vivendo no interior do seu corpo. Não são os pais que fizeram o filho, mas sim o filho que eleva, à condição de pais, aqueles que lhe deram a vida não obstante não serem proprietários desse dom. A vida é um dom, uma dádiva generosa de uma fonte que nesse dom se mostra. É por isso que é a vida que engendra os seus próprios filhos. Ainda bem que a ciência se esforça por desvendar os segredos dos percursos da vida, mas a vida esconde-se, por um poder que nela se mostra, para lá de um ponto limite. O meu corpo é corpo próprio, matéria indiscernível do espírito que nele apareceu, mas é também corpo fenomenal, “corredor de forças físicas, corpo-efeito”⁹ que a ciência deve esquadrihar. Como eu sou gonzo da porta relativamente a mundos que na minha vivência se mostram, assim a vida é gonzo, ponto charneira que me liga a um fundamento que se mantém ausente, e assim permite a minha responsabilidade da finitude na história. É nesta fissura do Universo que é necessário concentrar a intensidade do olhar.

A filosofia acontece quando um homem se põe a pensar sobre a sua própria vida. Pouco importa se pensa a partir da palavra de outro ou não. Na medida em que o pensamento é uma procura do sentido da própria vivência, em virtude da estrutura de presença do próprio

9 LEVINAS, Emmanuel; o. c., p. 177.

tempo que a consciência é, nesse momento, todo o universo aí está concentrado. É o exercício da liberdade que só é possível a uma consciência situada. Tudo o resto é a contingência que nos envolve em cada momento sem que dela nos possamos libertar. Há uma estrutura que a tudo e a todos nos tem numa autonomia definitiva, tal é a ipseidade que nos sustenta.

2º- Fé e Ontologia

Aquele que pretende ser um homem de fé, que acredita em Deus teimosamente contra ventos e marés, nem por isso deixa de ser fustigado por esses ventos e essas marés, de tal modo que com facilidade até esquece que existe o sol, a lua e o mar, sem o que não haveria ventos nem haveria marés. A fé consiste, pela sua própria natureza, em aceitar o que não sei explicar, e muito menos compreender. A fé é uma atitude humana, natural ao homem, porque sem ela nada faria sentido e a consequência seria a própria vida humana correr perigo. A vida de um homem mantém-se porque distingue o prazer e a dor, com a naturalidade com que a sua alma se passeia pelo mundo todas as vezes que ele abre os olhos e vê. No brilho do olhar se mostra a intensidade da paixão sem que seja possível explicar tal facto. Somos envolvidos no interior da fé perceptiva: uma fé humana que nasce na estrutura do meu corpo. No entanto, a fé que neste momento me preocupa é uma fé que envolve a totalidade das dimensões que permitiram que eu me tornasse quem sou: uma sede insaciável de amor, um pavor radical do sofrimento, uma fonte inesgotável de problemas de que não se vislumbra a solução evidente. É aí, numa distância infinita que vivo no mais íntimo de mim mesmo, que nasce a minha certeza da necessidade de ter fé em Deus. Não sei seguramente quem é Deus, mas tenho esperança de continuar a acreditar nEle.

Longe vão os tempos do Concílio de Niceia¹⁰. Mas o Concílio está tão perto que muitos, mesmo nada sabendo de concílio nenhum, continuam a recitar o credo. Esse texto conciliar conserva a frescura que o viu nascer, e na sua simplicidade é um mundo em que vive o homem de fé: *Creio em um só Deus [...]. É tão fácil acreditar em Deus*

¹⁰ Primeiro Concílio Ecuménico realizado no ano de 325 em que, contra o arianismo que negava a divindade de Jesus Cristo, foi definido que o Verbo é «consustancial ao Pai».

para aquele que crê, como é fácil falar para aquele que é homem. Sou um desses homens: acredito em Deus desde que me conheço nos olhos de minha mãe, aconchegado no seu regaço, lugar onde entrei no mundo da linguagem. Mas, quem é Deus, este Deus em quem eu acredito e nunca vi, ou se o vi não o reconheci? Seguramente não é o Deus da minha catequista, senhora bondosa que me ensinou o Credo, que esperava entrar no céu vestida de noiva e com ramo de laranjeira. E descubro aqui, no nascer deste ideal de fé que se pretende a si mesma esclarecida, como é difícil acreditar em Deus. A fé, por isso mesmo é fé, nunca é esclarecida; podemos tão só levantar a ponta de algum véu, dos muitos em que a verdade se envolve, para tranquilamente suspeitar que há uma lógica imanente nessa fé. Este meu duplo estatuto de homem crente que tem por ideal ver crescer as flores e contemplar cada pormenor do mar, e, por outro lado, não sossega na busca do fundamento da sua fé, mostra-me, de novo, a multiplicidade das dimensões em que a minha existência se realiza. Tudo nasce no sentir, daí a alegria da minha vivência. Mas o mesmo sentir é a minha abertura para a verdade, porque é a partir do sentir que o pensamento se institui como uma segunda realidade.

É por isso que a ciência, pensamento que Descartes pretende evidente, é seguramente um pensamento de sobrevoo. Ao nível da vivência não há evidências, só paradoxos. Só na ausência da realidade, na dimensão do pensamento, é que a evidência pode nascer. A ciência é em si mesma um pensamento redutor sem possibilidade de desvendar o segredo do todo, é tão só uma preocupação com a explicação da parte. Seguramente, a vivência, o real, mantém inviolável um excedente que a ciência não atinge, e nem sequer a própria expressão traduz. É a intimidade que faz de nós uma ipseidade inviolável. E é aí que descobrimos a necessidade de fazer coincidir o pensamento com o sentir. O esclarecimento da fé que procuro tem de partir da realidade que eu próprio sou. Não basta acreditar em Deus com a força da Revelação, porque aí a fé é um dom de Deus, um chamamento. Acredita-se porque se reconhece a autoridade de Deus. Ora, admitida essa verdade, resta encontrar os sinais desse Deus, essas pedras onde se lê um chamamento universal, porque o não sentido é uma ameaça na história. Para lá da morte e da solidão a crueldade renasce das cinzas.

O problema de Deus é o problema fundamental da filosofia. Filosofia é ontologia, a procura do ser, e nada se mantém fora do horizonte do ser:

o sensível, o visível, é a dimensionalidade universal, pelo que todas as outras dimensões aí têm de estar presentes. Mas o visível, na sua radicalidade universal, não é mais que a membrana do invisível que o sustenta, pelo que a absoluta positividade do ser, que no visível aparece, exige ainda um fundamento. Esse fundamento suspeitamos que deve ser Deus, esperança que atravessa a história no olhar do homem de fé. Nada se mantém então fora do horizonte de Deus, ou porque tudo repousa na palma da mão de Deus, se recorro à fé, ou porque Deus deve ser o segredo ausente que se mostra no último horizonte, se me mantenho fiel à estrutura do mundo e à esperança que nessa estrutura nasceu. O horizonte exige um fundamento porque ele não resulta da simples relação figura fundo; o pensamento situado, que o horizonte delimita, acontece porque já existe um mundo e uma consciência.

É na vivência que o horizonte aparece, mas é o ser que é horizonte. Fazer filosofia é uma tentativa de aproximação à intimidade deste aparecer. O problema é que os meus olhos não vêem Deus, e mesmo o ser, o real, que à partida se apresenta como aquilo que atinge o meu corpo, esconde-se sempre de mim ao mostrar-se em cada perspectiva. E o homem, teimosamente, desde que se conhece, vai construindo teorias sobre esse real que instituem essa realidade segunda, mundo do pensamento, sobrevoos da vivência, onde o real se desdobra mantendo intacto o seu núcleo invisível. Toda a metafísica, explicações nascidas no mundo do pensamento humano, institui um mundo que além de só ser objetivo para o espírito que pensa com essa mesma estrutura, por essa mesma razão, como ontologia, será sempre naïf, porque construção de pensamento sem garantia de realidade. A invisibilidade, “transcendência pura, sem máscara ôntica”¹¹, que permite que o mundo seja um conjunto colorido para mim, não permite verdade definitiva na existência. A verdade, na existência, é contaminada pela contingência, habita para lá do último horizonte. “Mais alto que a realidade se levanta a possibilidade”¹². E a possibilidade é uma lenta aproximação da verdade que acontece quando o pensamento é coincidente com a vivência. Aí não há mais distinção entre significado, significante e referente. Como no

11 MERLEAU-PONTY, Maurice; *Le visible et l'invisible*, (1964), Gallimard, Paris, 1986, pp. 282 e 283.

12 HEIDEGGER, Martin; *Sein und Zeit*, § 7.

aparecer da obra de arte, ou mesmo na vivência do rito no interior do pensamento mítico. Lógica da coincidência porque lógica do vivido, em que a expressão prolonga a vida na força e clareza da metáfora, e o paradoxo surge em nós como agasalho em que a verdade nos protege. Ausência de causalidade, que a transcendência activa da consciência substitui, que permite a compreensão, na medida em que a subjectividade assume o paradoxo de que é na vivência individual que conseguimos situar-nos ao nível do universal. Na existência não há verdades evidentes, há evidências no mundo matemático tanto mais puras quanto a ausência de realidade. Por isso Galileu entendia que ao nível da matemática o conhecimento humano atingia a intensidade do conhecimento de Deus. Acontece é que ninguém vive no mundo do pensamento, este é tão só uma das dimensões da existência.

Porque Descartes se refugiou no pensamento, rigorosamente, não conseguiu uma ontologia. O seu Deus é um Deus lógico, e nem as demonstrações da existência de Deus conciliam o seu Deus da fé com o seu Deus da razão. Os filósofos constroem Deus porque o ser o exige como fundamento, de resto a religiosidade como fenómeno universal é sempre um chamamento de Deus, mas esse Deus dos filósofos não é um "Deus que salva, Deus que castiga, Deus que abençoa, Deus que sofre com os homens"¹³, por isso o rei David não poderia dançar diante dele. Um Deus lógico é sempre um Deus virtual.

É o paradoxo radical da existência humana. O homem pretende só aceitar como verdadeiro aquilo que entende, com *clareza e distinção, características da evidência nas palavras de Descartes. Mas nada há claro e distinto na existência. Por um lado, Deus é o que está para lá de todo o entendimento finito. Por outro lado, como a filosofia não desiste de se reivindicar como luz natural, verifica que todas as vezes que procura esclarecer a natureza, esta só se apresenta na medida em que está envolvida na luz. E o filósofo não pode ver a luz porque é a luz que lhe permite ver. A luz aparece como a presença de uma ausência actuante. É esta ausência, visível na luz, no invisível e no silêncio, que é um chamamento à compreensão da realidade, que é a mesma por todo o lado porque atmosfera da deiscência, da deflagração do ser.*

13 RICCEUR, Paul; *art.cit.*, p. 36.

3º- Deus e Universo

Merleau-Ponty, ao meditar a obra de Claude Simon em que o magma é a concreção de todas as dimensões da existência a ponto de o autor negar o próprio pensamento, comenta que “ele pensa como Cézanne «pensava em pintura», fala com a sua voz e mostra o mundo, fá-lo ver num certo gesto – mas este tipo de desvelamento do mundo, sem pensamento separado, é precisamente ontologia moderna.”¹⁴ Ora é precisamente esta ontologia moderna que Merleau-Ponty, na última parte da sua obra, se esforça arduamente por construir, pois reconhece que há problemas que se mantêm, na sua filosofia, porque manteve “em parte a filosofia da «consciência».”¹⁵ De um modo muito claro propõe-se “substituir as noções de conceito, ideia, espírito, representação, pelas noções de dimensões, articulação, nível, charneiras, pivôs, configuração”¹⁶. Esse esforço é visível, como preocupação fundamental de todos os textos dos últimos anos de vida, nos cursos do Collège de France. «Há um tema único da filosofia: o *nexus*, o *vinculum* «Natureza» - «Homem» - «Deus». A *Natureza como dobra do Ser*, e os problemas da filosofia como concêntricos.”¹⁷ Aqui a grande fecundidade do pensamento pontyano, nesta estrutura do mundo em que cada estrutura surpreende pela nova estrutura que contém no seu seio, *emboîtement*, em que a realidade da filosofia da carne tudo perpassa, o pensamento é coincidente com a realidade, não há idealismo nem realismo mas tão só dimensionalidade, e, por isso, a Natureza, o Homem e Deus de que aqui se fala não são do domínio lógico, mas sim a própria realidade. Este Deus pontyano não é o Deus dos filósofos. Também não é o Deus da fé. É o Deus único, cuja ontologia o filósofo espera que apareça na dimensionalidade que nos envolve.

Neste contexto, só há uma ontologia, onde se espera poder recortar diferentes regiões de um mesmo país. E o método é forçosamente sempre indirecto, porque é na profundidade, no afastamento que todo

14 MERLEAU-PONTY, Maurice; *Notes de cours*, p. 206. *Ontologia moderna* – uma ontologia em que não se dê a separação entre pensamento e realidade, pensamento de coincidência numa lógica do vivido.

15 MERLEAU-PONTY, Maurice; *Le visible et l’invisible*, p. 237.

16 MERLEAU-PONTY, Maurice; *Le visible et l’invisible*, p. 277.

17 MERLEAU-PONTY, Maurice; *La nature*, Seuil, Paris, 1995, p. 265.

o recorte aparece. «*Não se pode fazer ontologia directa. O meu método «indirecto» (o ser nos entes) é o único conforme ao ser - «φ negativa» como «teologia negativa»*»¹⁸.

Hoje, a fenomenologia está por todo o lado e o problema de Deus continua no horizonte. Paul Ricœur¹⁹ e Michel Henry²⁰, confrontados com o tema *Fenomenologia e Hermenêutica da Religião*, seguem precisamente um método indirecto nos estudos apresentados, tentativas de aproximação a Deus partindo da linguagem, da palavra, isto é, da Bíblia que se apresenta como palavra do próprio Deus ou como tal é interpretada pelo homem crente. Paul Ricœur admite a possibilidade de uma fenomenologia da religião²¹ partindo da constatação de que há sentimentos e atitudes na vida do homem onde se revela uma desproporção intrínseca na estrutura chamamento – resposta, que ele considera como especificamente religiosa. É o caso do *sentimento de dependência absoluta, ou o sentimento de pertencer a uma economia do dom, ou ainda o sentimento de ser precedido na ordem da palavra, do amor e da existência. Mas entende o autor que neste caso a fenomenologia não pode limitar-se à descrição, mas tem de assumir a crítica. É nesta crítica que nasce em mim a perplexidade, porque dado o primeiro passo no caminho da fenomenologia não somos nós que temos o real, é a paisagem que se desdobra em nós, tal como não somos nós que falamos mas é a palavra que se fala em nós. Além disso, o próprio autor reconhece que a estrutura chamamento – resposta não é seguramente um círculo vicioso em virtude da aposta que o homem crente faz na validade de tal relação. Isto significa que a religião nasce numa decisão do homem, independentemente de um possível Deus. O meu Deus de Abraão foge-me por entre as palavras, não estou ao nível de uma ontologia mas tão só perante uma hermenêutica que me conforta... Por seu lado, a tese de Michel Henry é um raio de luz onde tranquilamente descobrimos o nosso olhar no interior da visão de Deus. Parte dos Evangelhos mas pergunta-se pelo que dizem de nós as Escrituras. E os Evangelhos, as Escrituras, «dizem que nós somos os Filhos.»²² Que significa este dizer das Escrituras?*

18 MERLEAU-PONTY, Maurice ; *Le visible et l'invisible*, p. 233.

19 Cf. art. cit., in *Phénoménologie et théologie*, pp. 15 – 39.

20 Cf. HENRY, Michel; «Parole et religion: la Parole de Dieu», in *Phénoménologie et théologie*, pp. 129 – 160.

21 Cf. RICŒUR, Paul; *art. cit.* pp. 15 – 25.

22 HENRY, Michel; *art. cit.*, pp. 135 e 158.

Nesta *ontologia moderna que me preocupa, o tipo de linguagem, isto é, a lógica subjacente ao texto é determinante. A linguagem bíblica “é duma total estranheza relativamente à nossa, no sentido de que para a reencontrar é necessário seguir o plano da linguagem, a qual, de metafórica na época de Homero e dos Trágicos gregos, se tornou argumentativa com as teologias neoplatónicas e sobretudo com o aparelho das provas da existência de Deus dos Escolásticos a Hegel, para se tornar demonstrativa com os matemáticos e as ciências empíricas. Só a poesia testemunha ainda hoje, no meio da nossa linguagem, a força da linguagem metafórica, que nos diz, não «isto é como aquilo», mas «isto é aquilo». É pelo canal da poesia somente que podemos aproximar-nos o mais perto possível da linguagem carismática da Bíblia, quando esta proclama, sob um modo metafórico: o Senhor é meu rochedo, minha fortaleza; eu sou o caminho, a verdade e a vida; isto é o meu Corpo*²³, etc...”²⁴

A poesia aproxima-nos do sentido profundo da Bíblia, a Bíblia ainda é uma palavra humana, enquanto a própria poesia é em si mesma fuga à abstracção e procura da expressão coincidente com a vivência. Acontece, no entanto, que na Bíblia se dá uma radicalidade que ultrapassa a coincidência possível na expressão poética. Uma radicalidade que não é possível ao nível da linguagem humana. Na Bíblia existe uma outra Palavra que não é traduzível em palavras. “Esta outra Palavra difere por natureza de toda a palavra humana, ela não compreende nem palavras nem significações, nem significante nem significado, não tem referente, não provém dum locutor que propriamente fala e não se dirige jamais a qualquer interlocutor, a ninguém, quem quer que seja, que existisse antes dela – antes que ela tenha falado. É esta outra palavra que nos diz que a palavra liberta nas Escrituras é de proveniência divina. E é esta outra Palavra, dizendo-nos que a palavra evangélica é de origem divina, que é, ela só, a Palavra de Deus.”²⁵ “A vida é a palavra de Deus.”²⁶ Palavra que não foi pronunciada nem nunca o será porque não é um dizer de ordem lógica,

23 Ao nível da lógica do vivido, ao considerar *isto é o meu corpo* como uma metáfora, a tese teológica da transubstanciação não é beliscada, pelo contrário, são as outras metáforas que adquirem uma nova força.

24 RICŒUR, Paul; *art. cit.*, p. 26.

25 HENRY, Michel; *art. cit.*, p. 131.

26 HENRY, Michel; *art. cit.*, p. 136.

não é palavra humana, mas, como palavra mostra a fonte donde brotou, e mostra-o apresentando-se tal como é: um dizer de ordem ontológica, um paradoxo! Dizer frágil, muito frágil, mas é nesta fragilidade que nasce a possibilidade do definitivo. Dizer que ao aparecer quebra o silêncio sem barulho, mas enquanto houver tempo essa ausência será audível em cada presente, a ponto de podermos dizer “Eu escuto para sempre o barulho do meu nascimento.”²⁷ Dizer autónomo, mas tão escondido na profundidade do universo, que no seu aparecer se confunde com as condições em que se mostra. Dizer individual, mas partilhado por tantos e com tais possibilidades que o infinito perde o significado perante essa realidade. Dizer ambíguo, impregnado em si mesmo, mas que parece fogo fátuo pela ameaça permanente da contingência. Finalmente, porque a descrição não tem fim, dizer que nunca se sabe, porque a vida sabe sem saber, “sabe de um só golpe aquilo que ela sabia desde sempre.”²⁸

A fé perceptiva, que me permite ser quem sou num mundo colorido, nasce na estrutura do meu corpo fenomenal, um corpo vivo que é colorido para mim também. Mas é este corpo fenomenal que porque é vida é corpo próprio, e só o pensamento me recorda esse corpo fenomenal. O meu corpo vivo é paixão, desejo, sentido, fonte de gestos que só são possíveis àquilo que significamos com a palavra espírito. Se eu abandonar o pensamento, e por milagre conseguir reencontrar-me comigo mesmo, por debaixo de mim que sou história, reencontrarei a vida que eu próprio sou, eu que fui dado a mim mesmo, e daí a minha ipseidade. Aí nasce, com naturalidade, a fé teológica. “A fé não vem daquilo em que nós acreditamos, vem daquilo que nós somos viventes na vida. É a nossa condição de filhos que nos faz acreditar aquilo em que acreditamos - a saber que nós somos filhos - e é por esta única razão que a fé nos pode chegar.”²⁹ A fé em Deus é tão só um nível mais profundo da fé perceptiva, um nível mais coincidente com a vivência viva que nós somos. Tal como a vida aparece escondida de dentro do Universo, assim Deus se mantém ausente na presença que eu próprio sou. A tal ponto que “o *Olho pelo qual eu vejo Deus e o Olho pelo qual Deus me vê não é senão um só e mesmo Olho - entendendo que não há aqui, fenomenologicamente*

27 HENRY, Michel; *art. cit.*, p. 154.

28 HENRY, Michel; *art. cit.*, p. 159.

29 HENRY, Michel; *art. cit.*, p. 143.

falando, nem Olho, nem visão, nem mundo, nem seja o que for que se assemelhe."³⁰ Há luz e há abismo.

Há luz, não porque objectivamente eu o possa garantir. Mas sim, seguramente, porque eu enquanto corpo próprio sou vida num corpo fenomenal, e é esta vida que permite o recorte de todos os horizontes num mar imenso de luz. Tudo nasce no sentir. E nesta luz vivo a certeza de um sentido que nasce em mim porque a luz envolve desde sempre a vida que eu sou. Desde sempre, é o horizonte que se confunde com o nascer no ventre de minha mãe e com o morrer no isolamento visível na morte do outro. Este horizonte é abismo que a própria vida é. No ventre de minha mãe, a vida que eu sou apresenta-se como nada, negatividade quase pura enquanto possibilidade de uma história. Nos bordos deste abismo, o nada como possibilidade, vou inscrevendo em cada instante aquilo que chamo o meu destino. Não sou senão uma inscrição nos limites deste vazio.

Mas este vazio só é abismo porque visibilidade de outro abismo que o sustém. A mesma estrutura por todo o lado. A palavra que eu pronuncio rompe o silêncio primordial do Universo, por isso ela não é minha, é tão só a palavra que se fala em mim. Palavra viva que me permite o prazer e o sofrimento e me deixa em aberto o acontecer. É esta palavra que me permite descobrir o abismo insondável que para nós é indizível, o silêncio inviolável que em nós se desdobra, a luz diáfana que nas suas variações de intensidade sempre há-de guardar segredos para nós. "Só o Deus nos pode fazer acreditar nele mas ele habita a nossa própria carne."³¹ A fé em Deus é possível a partir daquilo que nós próprios somos. Eu sou abismo e necessito da luz que me envolve. Na sequência de Descartes e de Merleau-Ponty, de novo chamo por *Deus como luz e como abismo.*"

N.B.

*A filosofia, tornou-se, ontem, para mim, saudade e o "pó passou a ter peso."*³²

³⁰ HENRY, Michel; *art. cit.*, p. 141.

³¹ Henry, Michel; *art. cit.*, p. 160.

³² O Estado do Bosque, José Tolentino de Mendonça, Assírio e Alvim, 1ª edição, Coimbra 2003, p.11.